



PENSANDO ÁFRICAS
E SUAS DIÁSPORAS
NEABI – UFOP

Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 01 N. 01 – jan/jun 2016

Anais do IV Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas

No Bixiga nem tudo é italiano: relatos de vivência sobre um bairro da região central em São Paulo

Larissa Aparecida Camargo Nascimento*

lariss.griot@gmail.com

Bolsista CAPES

Resumo: Popularmente conhecido como Bexiga, o bairro Bela Vista, localizado no centro da cidade de São Paulo, apresenta em sua gênese um importante quilombo urbano, o Saracura. Logo após a abolição da escravatura, a região do Saracura consolidou-se como importante núcleo negro no centro da capital paulista. No entanto, devido aos reflexos do racismo, há de um modo geral, um apagamento da história e das contribuições da população negra. Diferentes meios difundem a imagem do Bexiga como o mais italiano da metrópole paulistana: são exaltados os elementos culturais de matriz europeia, como as cantinas e culinária italiana, anulando a presença e o protagonismo da população negra na região. Diante das relações assimétricas que se constituíram, a presente pesquisa apresenta como objetivo realizar uma reflexão acerca do significativo racial dos sujeitos que compõem esta localidade. Busca-se efetuar um diálogo entre sociologia urbana e teóricos da sociologia das relações raciais. Considera-se ainda que a sociologia urbana é uma área de conhecimento que possibilita abordar diferentes linhas como urbanismo, geografia, antropologia, entre outras áreas. Desta maneira, podemos acrescentar que a sociologia das relações raciais também apresenta sua relevância para a compreensão espacial da cidade, contrastando com pesquisas que simplesmente realizam uma sobreposição da categoria *renda* sobre outros elementos importantes para compreender o urbano. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa bibliográfica aprofundada acerca das origens do bairro, indicando em tese os principais atores desta gênese. Atores estes que são pertencentes a grupos identitários distintos, evidenciando relações assimétricas entre brancos e negros. Ademais, objetivou-se, a partir das trajetórias de dois moradores negros, juntamente com a observação participante e apoio da bibliografia selecionada, discutir questões como a hipótese da Bela Vista representar ou não um bairro de italianos, a assimetria ou não entre negros e brancos no bairro, além de problematizar a racialização de sujeitos nordestinos que também compõem o contexto.

Palavras-chave: Bexiga, Bairro Bela Vista; Saracura; Quilombo urbano; relações raciais.

Abstract: Popularly known as Bexiga, the Bela Vista neighborhood, located in the center of the city of São Paulo, presents in its genesis an important urban quilombo, the Saracura. Soon after the abolition of slavery, the region of Saracura consolidated as an important black nucleus in the center of São Paulo. However, due to the effects of racism, there is a general erasure of the history and contributions of the black population. Different media spread the image of the Bexiga as the most Italian in the metropolis of São Paulo: the cultural elements of

* UFSCAR. E-mail: lariss.griot@gmail.com. Bolsista CAPES

a European matrix, such as canteens and Italian cuisine, are exalted, thus negating the presence and protagonism of the black population in the region. In view of the asymmetric relations that were constituted, the present research presents as objective to realize a reflection about the racial signifier of the subjects that compose this locality. It seeks to establish a dialogue between urban sociology and theorists of the sociology of racial relations. It is also considered that urban sociology is an area of knowledge that makes it possible to approach different lines such as urbanism, geography, anthropology, among other areas. In this way, we can add that the sociology of race relations also presents its relevance to the spatial understanding of the city, contrasting with surveys that simply perform an overlap of the income category over other elements important to understand the urban. In this sense, an in - depth bibliographical research about the origins of the neighborhood was carried out, indicating in thesis the main actors of this genesis. These actors belong to different identitarian groups, evidencing asymmetrical relations between whites and blacks. In addition, it was aimed, from the trajectories of two black residents, along with the participant observation and support of the selected bibliography, to discuss questions such as the Bela Vista hypothesis to represent or not an Italian neighborhood, the asymmetry or not between blacks and whites in the neighborhood, besides problematizing the racialization of northeastern subjects that also make up the context.

Keywords: Bexiga, Bela Vista neighborhood; Saracura; Urban quilombo; Racial relations .

Introdução

A presente pesquisa discorre principalmente sobre as relações demarcadas em um bairro localizado na região central de São Paulo, a Bela Vista, popularmente denominado Bexiga. Pretende-se realizar uma reflexão acerca do significante racial dos sujeitos que compõem o bairro, realizando um diálogo entre autores da sociologia urbana e pesquisadores importantes para a temática racial levantada. Considera-se ainda que a sociologia urbana é uma disciplina que possibilita abordar diferentes linhas como urbanismo, geografia, antropologia, entre outras áreas. Desta maneira, podemos acrescentar que a sociologia das relações raciais também apresenta sua relevância para a compreensão espacial da cidade, contrastando com pesquisas que simplesmente realizam uma sobreposição da categoria renda sobre outros elementos importantes para compreender o urbano. Além do levantamento bibliográfico, a reflexão também se assentará no discurso de moradores e observação participante.

Atualmente, apesar da valorização dos imóveis, por se tratar de um bairro na região central, a população negra de baixa renda é uma das protagonistas no contexto do Bexiga. Cabe dizer que grande parte de minha trajetória foi traçada nas ruas desse bairro: nasci e morei nele até momentos antes de ingressar na graduação em Ciência Sociais na UFSCar. Portanto, não só os autores como Lucena (1984), Borges (2001), Castro (2006), já mencionados, mas a minha experiência no bairro apontam para o fato da Bela Vista sediar uma grande quantidade de pensões onde famílias inteiras residem em até um cômodo, imagem contrária a um bairro majoritariamente branco de classe média. No entanto, foi apenas quando mudei de cidade que verifiquei que a maioria das pessoas sustentavam uma

[105/118]

imagem do Bexiga fortemente relacionada a uma espécie de colônia italiana. Quando questionada sobre qual o bairro em que morava em São Paulo, na grande maioria das vezes quando respondia Bexiga, ou Bela Vista, muitos já replicavam: “Ah, o bairro italiano”. Todavia, a associação imediata da Bela Vista a uma colônia italiana não representa exatamente a população local que transita nas ruas, que reside nas inúmeras pensões e trabalha na região.

Aprofundando ainda as condições de pesquisa deste trabalho, atesto que me tornei o que Simmel (1983) chamaria de uma “estrangeira” no próprio bairro em que residi por dezenove anos. Na interação com os sujeitos da localidade, sejam eles conhecidos de longa data ou não, durante uma conversa, uma entrevista ou em um momento de observação participante, no momento em que explicito minha intenção de pesquisa a postura do outro em relação a mim não é mais a mesma que aquela de quando me apresentava simplesmente como moradora do Bexiga. Desse modo, ao mesmo tempo em que mantenho uma relação de proximidade, por conhecer a localidade ou pessoas em comum, há também uma relação de distância. Da mesma maneira minha postura modifica-se em relação ao outro: questões antes nunca abordadas por mim acerca do referido contexto agora protagonizam meus pensamentos, frequento hoje lugares antes nunca frequentados, conheço novos espaços e pessoas, converso com aqueles que moram ali há muitos anos e até aquele momento não havia contato, enfim, procuro apreender as relações e dinâmicas mantidas neste cenário.

Objetivos

O objetivo principal deste estudo é realizar uma reflexão a partir da intersecção entre espaço urbano e as relações raciais mantidas no Bexiga. Ademais, busca-se: (i) contextualizar historicamente o campo de pesquisa (ii) compreender como moradores autodeclarados negros tecem suas identidades ao longo de suas vidas no contexto do bairro; (iii) verificar as percepções que estes possuem do bairro, bem como as relações que mantêm com os outros grupos identitários no universo de pesquisa, (vi) problematizar a Bela Vista enquanto bairro italiano e verificar se há assimetrias ou não entre negros e brancos no bairro, principalmente no que tange à representatividade em relação ao espaço.

Metodologia

Foi realizada uma contextualização do bairro, indicando em tese os principais atores de sua gênese. Esta contextualização representa uma pesquisa exploratória realizada a partir de um levantamento bibliográfico desde suas origens, até a sua atual configuração. Entende-se pesquisa exploratória como um estudo preliminar do campo que pode auxiliar na formulação da questão de pesquisa e elencar os principais objetivos. Parte-se da premissa de que a partir da história podemos entender as relações atuais e cotidianas mantidas nos espaços de investigação. Além dos livros de Lucena (1984), Borges (2001) e Mattos et. al (2008), a dissertação de Castro (2006) e o artigo de Rolnik (1989), o documentário “*Memória em Pedações: Bixiga*” produzido pelo extinto Banco Sudameris em 1997, também contribuiu para delinear um panorama atual do bairro.

Além do apoio da bibliografia selecionada, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e observação participante para discutir questões como a hipótese da Bela Vista representar ou não um bairro de italianos, a assimetria ou não entre negros e brancos no bairro, e ainda, problematizar a presença de outros grupos, caso dos nordestinos.

Valendo-se dos recursos da observação participante, há a pretensão de frequentar o bairro não apenas como observadora, mas também enquanto participante, interagindo e conhecendo as pessoas no domínio de pesquisa. Pretendeu-se imergir neste universo participando do cotidiano do lugar, podendo constatar nos diferentes momentos as relações, as dinâmicas, o perfil dos sujeitos, etc.

Os sujeitos entrevistados neste estudo são dois moradores negros do Bexiga, uma mulher e um homem que vivem no bairro a mais de vinte anos. A metodologia utilizada foi a história de vida. Queiroz (1998) coloca a história de vida no quadro amplo da história oral e a considera uma ferramenta importante por se colocar justamente no ponto onde se cruzam vida individual e contexto social. Desta maneira, por meio da história de vida, apreenderemos as interseções entre a identidade dos sujeitos negros e os elementos de matriz afro-brasileira difundidos pelos espaços culturais. Tais relatos foram captados por meio de entrevistas semi-estruturadas. Conforme Queiroz (1998) as entrevistas semi-estruturadas consistem em uma conversa entre entrevistado e pesquisador, conduzida por este último com vistas a atender os objetivos propostos pela investigação.

O Amanhecer do Bexiga

Na cidade de São Paulo, assim como em outras localidades, constatou-se que mesmo na senzala, espaço arquitetado pelos senhores brancos para controle e definição de hierarquia no período colonial, havia resistência: não era apenas o olhar vigilante do senhor e o trabalho forçado que estruturavam o cotidiano dos habitantes da senzala, uma vez que foi no interior dessa estrutura totalitária que se floresceu e desenvolveu um:

devir negro, afirmação da vontade de solidariedade e autopreservação que fundamentava a existência de uma comunidade africana em terras brasileiras. O confinamento na terra de exílio foi capaz de transformar um grupo – cujo único laço era a acenstralidade africana- em comunidade. (ROLNIK, 1989, p.3)

Dessa maneira, o pátio da senzala, símbolo de segregação e controle, transformou-se em terreiro, lugar de celebração das formas de ligação da comunidade. O terreiro passou a ser um elemento espacial fundamental na configuração dos territórios negros urbanos – são terreiros de samba, de candomblé, de jongo que atravessam a história dos espaços afro-brasileiros das cidades (ROLNIK, 1989).

À medida que se aproximava o fim do período escravocrata, surgiram também os chamados quilombos urbanos. Esses locais, segundo Rolnik (1989), eram cômodos e casas coletivas no centro da cidade ou núcleos semi-rurais – bastante semelhantes ao que são as roças de periferia dos terreiros de candomblé nas cidades. Além disso, a cidade oferecia uma chance maior de anonimato para os foragidos das fazendas. Foi nesse contexto que se constituiu no final do século XIX o Quilombo do Saracura, na região brejeira às margens do Ribeirão Saracura. Este importante quilombo urbano possivelmente originou o bairro Bexiga, atual Bela Vista, localizado na região central de São Paulo.

A pesquisa realizada por Castro (2006) evidencia que o surgimento do nome Bexiga apresenta diferentes versões. Este fato não só é curioso, mas pode revelar que há por trás uma disputa entre grupos distintos acerca de quem seriam os pioneiros naquela localidade. De acordo com uma destas versões, havia uma hospedaria próximo ao Largo do Piques¹ cujo dono chamava-se Antonio Bexiga. Bexiga seria um nome popular que faz referências à doença varíola e seria, portanto, um apelido uma vez que Antonio apresentava marcas da doença no rosto. De acordo com Lucena (1984), por se tratar de uma área territorial, é comum que ela se torne conhecida pelo nome de seu proprietário, e a denominação bexiga relacionada a um espaço geográfico é do período de 1789 a 1792. Outra

¹ Atualmente é o Largo da Memória próximo ao metrô Anhangabaú

versão considera que pelo fato da Bela Vista encontrar-se, na época, numa região mais afastada do núcleo urbano, seria um lugar que acolhia escravizados acometidos pela mesma doença, seria uma maneira de isolar os doentes. Em outra versão, Borges (2001) menciona que a denominação viria do fato do dono da chácara comercializar “bexiga de boi”, negócio lucrativo e bastante explorado em São Paulo daquela época.

Em “*Bairro do Bexiga: A sobrevivência cultural*” (LUCENA, 1984) e mesmo no documentário “*Memória em Pedações: Bexiga*”, produzido na década de 90, a baixada do Largo do Piques, atualmente Praça da Bandeira, era um local onde ocorria uma vez por semana o leilão de escravizados. E durante estes leilões ocorriam fugas também:

As capoeiras e capinzais que havia em torno do Tanque Reúno, no Bexiga, como em outros pontos que corriam o Anhangabaú e o Riacho do Saracura, serviram de esconderijo onde se aquilombavam negros rebeldes. Esses matos eram convidativos para esconderijos. Em 1831 foi feito um documento com a tentativa de fechar o acesso do Anhangabaú para o Bexiga, cujo objetivo era impedir o trânsito de escravos fugitivos para o Bexiga (LUCENA, 1984, p. 24).

Constata-se ainda que Lucena (1984) Borges (2001), Castro (2006) entre outros pesquisadores, utilizam a citação de Afonso A. de Freitas que anuncia lá pela década de 1870 e, portanto, antes da ocupação em massa de imigrantes italianos, que “a chácara do Bexiga possuía extensas plantações de jabuticabeiras, laranjeiras e capinzais, onde se caçavam veados, perdizes e até escravos fugitivos”. Portanto, revela-se que escravizados foragidos desde muito antes habitavam os campos do Bexiga, constatação que concorda de certa maneira com o artigo de Raquel Rolnik (1989).

Mesmo após a Abolição da Escravatura, o Bexiga, consolidou-se como um importante território negro da zona central da cidade, tendo em vista o considerável número de afro-brasileiros que se deslocou para o referido bairro. Ou seja, mesmo após a abolição da escravatura os negros ainda fizeram presente no cenário do bairro. Dentre os motivos desse deslocamento da população negra para a região podemos destacar a “limpeza” do Centro Velho e o já existente núcleo negro do Saracura.

Após a Abolição, a cidade de São Paulo passou por uma intensa redefinição territorial/racial. Essa reestruturação tinha o intuito de adaptar a cidade senhorial-escravista aos padrões da cidade capitalista. Sendo assim, o prefeito Antônio Prado (1899 – 1911) foi responsável pelo desalojamento da população negra que vivia no “Centro Velho” paulistano (OLIVEIRA, 2008). Era um projeto encabeçado pelo poder público e pela elite paulistana que queria redefinir a espacialidade urbana aos moldes de grandes cidades européias, e fez com que os negros se deslocassem para as regiões mais periféricas da cidade. Sendo assim, alguns

[109/118]

descendentes de escravizados deslocaram-se para o Saracura uma vez que este apresentava uma proximidade em relação às regiões valorizadas da cidade, como Av. Paulista, Consolação, Brigadeiro Luis Antônio e arredores, que demandavam mão de obra braçal, principalmente nas mansões dos barões do café: concomitante à exclusão geográfica da população negra, houve a exclusão racial do trabalho, restando aos negros os trabalhos mais penosos e mal remunerados. Desse modo, no início do século XX, apesar da abolição da escravidão, a condição dos afro-brasileiros não era muito diferente daquela vivida pelos seus ancestrais africanos escravizados no Brasil.

Fernandes (2007) atesta que apesar do abolicionismo apresentar o teor de um movimento humanitário, sua mola revolucionária residia nos interesses e valores sociais prejudicados por conta da vigência da escravidão. Dessa maneira, nenhuma medida foi tomada para garantir a inserção, proteção e sobrevivência dos negros. Pelo contrário, o governo concentrou grandes esforços para promover intensa importação de mão de obra europeia, para substituir a mão de obra dos afro-brasileiros. As oportunidades foram monopolizadas pelas antigas camadas dominantes e pelos imigrantes europeus, o que manteve inalterada a desigualdade racial entre brancos e negros. Mesmo hoje, praticamente 123 anos após a abolição, a desigualdade social e racial apresenta-se como um desafio à democracia brasileira.

Nesse sentido, no final da década de 1870, a Província São Paulo anunciava o loteamento dos pastos do Bexiga, “terrenos para todas as bolsas” (LUCENA, 1984). Assim, atraídos pelos baixos preços, italianos, principalmente calabreses², ocuparam a localidade. No entanto, paradoxalmente, ao aprofundarmos a leitura do trabalho de Célia Lucena (1984), a impressão que se tem é que a ocupação efetiva do Bexiga só é considerada após a chegada dos imigrantes italianos. Ou seja, apesar da literatura verificar a presença de negros antes mesmo da chegada dos imigrantes, e assim representando um aspecto importante em relação à demografia da região, pouco se fala das origens afro do bairro Bela Vista. Inclusive nos dias de hoje, o bairro Bela Vista é conhecido como o bairro mais italiano da metrópole de São Paulo e a mídia possui papel importante na divulgação desta imagem (CASTRO, 2006). Conhecido por suas cantinas, padarias, arquitetura, teatros e inclusive pela tradicional festa

² Segundo Castro (2006) o Estado italiano, enquanto unidade federativa era algo extremamente recente nos anos de 1880. As questões regionalistas eram e ainda são muito presentes nesse país.

italiana em homenagem a Nossa Senhora da Achiropita, hoje na sua 86ª edição, o passado e presente africano e afro-brasileiro do Bexiga não é exaltado da mesma maneira.

Não pretendo aqui hierarquizar, polarizar, as contribuições de negros e italianos, pelo contrário, acreditamos que ambas as raízes se resignificaram em território brasileiro. Inclusive em alguns momentos se inter cruzam, mesmo que de maneira assimétrica, e marcam forte presença no contexto do bairro e da cidade. E justamente por acreditar na importância das diferentes contribuições, há a preocupação com a representação que os diferentes sujeitos apresentam ao pensar a Bela Vista, pois a tentativa de apagar a história e as contribuições da população negra no Brasil é algo recorrente, consequência do racismo, cujas ideologias que o suportam se reconfiguram desde a escravidão.

Relatos de vivências para uma estrangeira

No Brasil, apesar de não haver uma política oficial de segregação racial, há uma segregação que paira no plano invisível escamoteada por um falso discurso de democracia racial. De acordo com Andreilino Campos (2012), uma sociedade que constitui suas relações por meio do racismo, apresenta em sua geografia, lugares e espaços as marcas dessa distinção social. Assim o autor utiliza como exemplo o fato de no caso brasileiro a população negra ser majoritária nos presídios e absolutamente minoritária nas universidades.

Desta maneira, no Bixiga do século XX já não havia senzalas, porém havia os porões dos casarões e os cortiços, cujos principais inquilinos eram negros³. Essa seria uma das particularidades do racismo à brasileira:

Veja bem, nos EUA, existe a segregação. Aqui, ela, como o preconceito, não é sistemático. Lá, o preconceito é formal, sistemático, existindo a segregação. Se o negro comprar um terreno num determinado lugar, ele desvaloriza aquela área e nenhum branco quer morar ali. Então, a segregação é visível. Aqui, a segregação é invisível. Você pode dizer: na década de 1930, num bairro como a Bela Vista, negros e brancos moravam lado a lado. Mas é que o negro morava no porão e o branco morava em cima. (FERNANDES, 1989, p. 98)

Com o intuito de compreender se atualmente podemos falar de uma segregação socioespacial na Bela Vista, foram realizadas duas entrevistas com sujeitos autodeclarados

³ No momento não há estudos atuais sobre o tema, porém, os cortiços da Bela Vista possivelmente são hoje resididos por um considerável número de negros e nordestinos, sendo estes últimos negros ou não.

negros moradores na localidade e não militantes do Movimento Negro. Atribuí a eles os nomes fictícios de Dona Célia e Seu Benedito.

Dona Célia é uma senhora negra de 72 anos, que nasceu em Minas Gerais, mas fora criada em Espírito Santo. Reside na Bela Vista, segundo ela, há pelo menos uns trinta anos. Foi embora de Espírito Santo para São Paulo praticamente fugida do ex-marido, com duas filhas pequenas. Antes de mudar-se para a Bela Vista, residia em São Miguel Paulista. A mudança foi motivada pela oportunidade de trabalho; Dona Célia é cozinheira e a primeira residência no bairro foi em um quarto de pensão onde vivia ela, as duas filhas e dois netos.

O pequeno portão de ferro, onde está pregada uma plaquinha com o seguinte escrito: “*Vende-se Tapioca e Salgados*”, e outra “*Aluga-se vagas para rapazes*”, esconde um casarão antigo onde mora esta senhora. Ela afirma:

“Tenho aluguel, uma coisa e outra pra pagar. Então, eu coloquei umas camas aqui. Já que eu não estou fazendo mais nada (trabalhando fora de casa) e a casa é grande, coloquei umas camas e uns meninos para morar pra poder me dar uns dinheirinhos e ajudar a pagar aluguel, água e luz. [...] E aqui não é pensão, são apenas dois quartos, é uma casa de família. E eu pego no pé, não deixo entrar com bebida, se for drogado eu descubro logo e mando embora. Só alugo vaga, cada um que vem só traz roupa”.

Neste trecho constatamos que alugar vagas não é um problema para Célia, pelo contrário, é uma estratégia, uma solução para sanar as dificuldades financeiras. Tanto ela como o Seu Benedito não utilizam a palavra cortiço, mas sim pensão, há ainda uma preocupação de Dona Célia em distinguir sua residência de uma pensão.

Num dado momento do diálogo a senhora revela que participa de uma forte rede de solidariedade e sociabilidade no bairro, ao demonstrar a grande quantidade de ajuda que recebeu assim que saiu do quarto de pensão para morar no atual casarão:

“Eu entrei nesta casa e não tinha um fogão, não tinha nada, nada. Não tinha geladeira, fui com a cara e a coragem. De repente as pessoas foram me ajudando, de repente me deram uma máquina nova, ganhei um microondas novo, ganhei um fogão elétrico porque o fogão que eu tinha o forno não funcionava e eu precisava fazer salgado. Então as coisas que eu precisava ganhei inclusive daquelas pessoas que eu tinha ajudado, fazia um tempo E eu também já ajudei muita gente, como esses “nóias”. Igual, eu tinha um quartinho, ali eu dava um lugar pra ficar, dava roupa, ia junto conseguir um emprego, fazia tomar banho. Isso tudo para aqueles que queriam. Pessoas que eram da redondeza e até moradores de rua.”.

[112/118]

Comentou ainda de um garoto que era viciado que ela tentou ajudar e inclusive conhecia a família. Mas o garoto só não morava mais com ela porque ele roubava suas coisas e isso foi durante três anos. Relata também que procurou ajudar outro rapaz viciado, mas este fora assassinado na Bela Vista três dias após deixar de morar na vaga.

Quando Célia versa sobre as pessoas que ela ajuda, acaba explicitando o fenômeno do tráfico e do consumo de drogas existente na localidade. É interessante como este aspecto para ela faz parte do cotidiano do bairro, fator que contrasta com a imagem que alguns veículos midiáticos propõem - um bairro central, de classe média, atribuindo o tráfico e consumo de drogas a um problema tipicamente de periferia. Porém, a leitura da periferia realizada a partir da perspectiva da ausência, sem ordem, sem Estado, sem lei, sem regra, etc. - são leituras marcadas pelo etnocentrismo, uma vez que propõe uma sociedade de classe média branca. Deve-se abortar o olhar sobre as periferias como algo a ser resolvido, e direcionar-se a elas como algo que deve ser compreendido. Ademais, Rosa (2008), dentre outras reflexões, questiona a dualidade centro/periferia, bem como categorias como cidade ilegal, cidade informal ou clandestina, uma vez que podem representar fronteiras rígidas entre duas formas de pensar o urbano - uma formal, legalizada e exposta à sociedade e outra informal, ilegal e, no mais das vezes, periférica. Tais abordagens podem impedir a apreensão da complexidade de relações estabelecidas nestas localidades, visto que a Bela Vista não se encontra numa região periférica da cidade.

Quando questionada se a Bela Vista é um bairro italiano, Célia afirma que na Bela Vista há poucos italianos agora, diz que onde há muito italiano é no bairro da Mooca. Afirma ainda que:

“A maioria dos rapazes que ocupam as camas de minha casa são nordestinos, dificilmente vem pessoas de outros lugares. São rapazes que trabalham por aqui nos restaurantes, mas restaurantes assim, tudo do nordeste, né? Tem pizzaiolo, cozinheiro, ajudante de cozinha... A maioria das cantinas italianas viraram restaurantes nordestinos. Aonde você via que vendia uma pizza, um macarrão, uma massa italiana, você vê que virou tudo bar nordestino”.

Complementa:

“Antes tinha muito italiano residindo no bairro, mas hoje você pode descer a Rua Treze de Maio e do lado direito verá apenas bar nordestino.”

E finaliza:

“Ainda é uma rua boa, mas nem chega perto ao que era antes.”

[113/118]

Esta última fala demonstra como as hierarquias não existem apenas entre brancos e negros. De certa maneira Célia desqualifica os bares nordestinos em relação aos comércios tradicionalmente italianos. Revela-se, portanto que os grupos sociais podem formar-se em torno dos mais diversos pressupostos, entre os quais as condições: etnicorracial, religiosa, regional, que de certa forma ultrapassam as determinações econômicas. Partindo deste princípio, o grupo social de nordestinos, formado partir do pertencimento regional, está posicionado de maneira hierarquizada na estrutura social. Além disto, Caldeira (1984) aponta que os “migrantes encontram-se, em geral, numa situação de inferioridade no conjunto da população ocupada, não é, portanto, de estranhar que as famílias que já migraram encontrem maiores dificuldades para garantir a subsistência”.

Finalizando este diálogo a senhora diz que o casarão é alugado, portanto ela realuga. O dono do imóvel é um senhor italiano, que reside na Rua dos Franceses em um prédio onde há um apartamento por andar. O aluguel é pago diretamente ao dono. Ao relatar isto afirma que bate o maior papo com o Seu Marco⁴, ele é engenheiro e diz que “*ele é um amor de pessoa, não é como a imobiliária*”: se ela atrasar ela deposita o dinheiro conforme pode diretamente na conta deste senhor. Segundo ela, Marco, possivelmente nascido no Brasil, mas caracterizado como italiano por ser descendente de família italiana, possui muitos escritórios alugados na Sé. Uma vez ele contou a ela a história do casarão, que era do vô dele. Disse que da esquina da Rui Barbosa até a esquina da Rua Conselheiro Ramalho até sair na Manoel Dutra, era uma fazenda de seu vô:

“O vô dividiu e construiu casas, quando faleceu e as casas ficaram para os filhos. Os filhos foram vendendo, e depois veio ele que era neto, que ficou com esta parte aqui por perto. A parte dele quem continua é só ele, os irmãos venderam suas partes.”

Perceba neste trecho que a condição social de Marco, descendente de italiano, é muito diferente da realidade de Célia, mulher negra. Cabe ainda observar que Marco reside na Bela Vista, mas numa região próxima da Avenida Paulista, muito mais valorizada, numa sub-área conhecida como Morro dos Ingleses. No entanto, eles sentam juntos sob o mesmo teto e conversam, parecem inclusive possuir uma relação de amizade. Isto ocorre porque segundo Santos (2012) há na nossa sociedade um complexo padrão de relações raciais que mistura, no cotidiano das relações sociais, momentos onde há interações marcadas pela horizontalidade, integração e igualdade entre negros e brancos e, ao mesmo tempo, outros momentos onde há verticalidades, hierarquias e diferenças em que são transformadas em desvantagens ou

⁴ Nome fictício.

vantagens desiguais entre esses grupos. No interior do casarão alugado por Célia há uma horizontalidade entre ambos, mas provavelmente quando estes deslocarem para um banco, por exemplo, há grandes riscos de haver diferença no tratamento.

Momentos de horizontalidade e verticalidade entre negros e brancos foi observado também nas falas de Seu Benedito. Este senhor possui 74 anos, reside na Bela Vista desde 1968, é pernambucano e desde que veio a São Paulo sempre morou no mesmo bairro. Como dona Célia, também não possui casa própria. Ao todo já mudou quatro vezes, os donos dos imóveis eram italianos, mas era a imobiliária quem mediava os pagamentos. Sendo assim não teve relações próximas com estas famílias, mas sabe que possuem bastante imóveis, “*sempre reformando e alugando*”.

Seu Benedito quando questionado se o Bexiga é um bairro italiano, responde:

“Agora tá muito misturado, muito nordestino, né? E sempre teve negros aqui, os patrícios.”

Quem seriam os patrícios?

“Os patrícios seriam aqueles da minha cor.”

Ao perguntar se havia espaços onde se concentravam mais negros ou mais brancos morando respondeu:

“A Rua Treze de Maio é um reduto italiano, assim como a Rua Rui Barbosa, Quatorze Bis e Barata Ribeiro. Já nos casarões são muitos nordestinos”.

Questionei se estes nordestinos eram brancos ou negros:

“Tem mais negros nos cortiços, tem muito paraíba e pernambucano”.

Seu Benedito identifica ainda como espaços de sociabilidade negra a Escola de Samba Vai-Vai, as Casas de pagode na Treze de Maio, o Clube Social Negro Aristocrata, que frequentava nos anos 70 a 80, e segundo ele muito frequentado também por outros negros moradores do Bexiga e o Paulistano da Glória, outro clube social negro. Verifica-se que a segregação, que se materializa na formação de bairros e comunidades, gera também outras expressões espaciais como clubes, escolas de samba, entre diversas marcas. Os negros organizaram-se e organizam-se para melhores condições, objetivando quebrar preconceitos e atingir a igualdade social: assim formaram associações políticas e culturais, com base no fortalecimento da identidade negra.

Uma última questão diz respeito à convivência entre descendentes de italianos e negros no bairro. Foi perguntado se o entrevistado já presenciou situações de discriminação:

“Vejo uma convivência sem conflito, se dão muito bem, nunca presenciei uma situação entre os “patricios”, italianos e portugueses. Os italianos gostam muito dos pretos trabalhando na cozinha.”

Seu Benedito até os dias de hoje trabalha consertando freezers, geladeiras e fogões. Por ser um profissional antigo no bairro possui uma considerável clientela, e assim da mesma maneira que já entrou em muitos apartamentos, casas e pensões para realizar seus serviços, este senhor com certeza já entrou na cozinha de muitas cantinas, padarias, pizzarias e restaurantes italianos. Por isto confirmou com tanta propriedade que *“os italianos gostam muito dos pretos trabalhando na cozinha”*, afinal ele deve ter visto muitos negros e negras trabalhando nestes espaços não como patrões, mas como empregados de sujeitos descendentes de uma matriz branco-européia.

Esta fala de Seu Benedito vai de encontro com um intrigante trecho contido no documentário *Memória em Pedacos: Bexiga* (1997). Na parte que nos interessa, a jornalista diz durante uma cena em que homens negros trabalham numa padaria tradicional do bairro: *“O segredo da massa é italiana, mas quem a prepara todos os dias são mãos nordestinas, mãos negras. Uma mistura de raças que começou há muito tempo”*

Logo após, um senhor italiano, dono desta mesma padaria acrescenta: *“Fique quieta, a minha mulher...(não pode ouvir) Eu tive por mais de vinte anos uma amante negra”*.

A jornalista continua: *“As histórias de amor no Bixiga são também histórias de descobertas. Negros e italianos se deixam seduzir pelo que o outro tem de melhor.”*

Logo em seguida, numa cena gravada na quadra de samba Vai-Vai, uma mulher descendente de italianos revela: *“Foi no caso do meu marido, eu ofereci um prato de macarrão ele nunca mais foi embora, ele me ofereceu o samba e eu nunca mais fui embora.”*

Ao final deste discurso tudo soa muito parecido com o mito fundador das três raças. Porém, ao invés de índios, brancos e negros que se misturam e dão origem à democracia racial, na Bela Vista seriam negros, italianos e nordestinos. Não cabe realizar a leitura da referida localidade partindo apenas de um grupo identitário, ignorando a existência de outros. Todavia é enganoso adotar a perspectiva de que os diferentes grupos se hibridizam sem gerar conflitos, posto que estes grupos identitários estão situados assimetricamente em relação ao poder.

Considerações Finais

[116/118]

Apesar do documentário *Memória em Pedacos: Bexiga* (1997) exaltar que a Bela Vista possui em sua dinâmica um cotidiano fortemente marcado por aspectos da cultura italiana, os sujeitos entrevistados neste trabalho e que vivem na localidade mais de trinta anos dizem que praticamente não há moradores italianos ou descendentes de italianos no Bexiga. A Rua Treze de Maio, por exemplo, é caracterizada pelos informantes ainda como um reduto tradicional da cultura italiana, pois possui cantinas e restaurantes ao longo de seu percurso. Todavia, nesta mesma rua, Célia evidencia que há muitos bares nordestinos, e Benedito indica que a mesma é também um espaço negro, pois abriga casas de pagode. Ademais, foi surpreendente alguns apontamentos dos sujeitos que concederam a entrevista, pois ao invés de discutirem uma predominância de italianos ou negros no bairro, os nordestinos foram apontados como o grupo identitário mais abrangente. Esta constatação indica a importância de realizar um estudo mais aprofundado acerca da migração nordestina para o bairro, bem como o posicionamento dos nordestinos numa rede de disputas sociais.

Os relatos evidenciam também que a dicotomia centro/periferia, legal/ilegal, definitivamente não são adequadas para compreender a complexidade do Bixiga. Célia revelou uma sociabilidade que seria “atípica” para um bairro central de uma grande cidade como São Paulo. Outro exemplo seriam as pensões: estas habitações podem parecer desordenadas, mas possuem sua lógica e organização, realidade também verificada em outras espacialidades afastadas do centro.

Referências bibliográficas

BORGES, Rosângela. *Axé, madona Achiropta! Presença da cultura afro-brasileira nas celebrações da igreja de Nossa Senhora Achropita, em S. Paulo*. São Paulo: Edições Pulsar, 2001.

CAMPOS, Andreino de Oliveira. As questões étnico-raciais no contexto da segregação socioespacial na produção do espaço urbano brasileiro: Algumas considerações teórico metodológicas. In: *Questões Urbanas e Racismo*. Petrópolis: DP et AI, 2012.

CASTRO, Márcio Sampaio de Castro. *Bexiga. Um Bairro Afro-Italiano: Comunicação, Cultura e Construção da Identidade Étnica*. Dissertação de Mestrado em Comunicação. USP SP, 2006.

DAVIS, J. Darien. *Afro-Brasileiros Hoje*. São Paulo: Selo Negro. 2000.

FERNANDES, Fernandes. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3ª ed. São Paulo, Ática, 1989.

[117/118]

_____. *O negro no mundo dos brancos*. 2ª ed. São Paulo, Global, 2007

MUNANGA, Kabengele & GOMES, Nilma Lino. *Para entender o Negro no Brasil de Hoje: Histórias, Realidades, Problemas e Caminhos*. Livro do Estudante. São Paulo: Ed. Global/Ação Educativa, 2004

LUCENA, Célia Toledo. *Bairro do Bexiga: A Sobrevivência Cultural*. São Paulo: Brasiliense. 1984.

PAIXÃO, Marcelo, (et. al.) (orgs.). *Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil; 2009-2010*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária. 2011.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON

SIMSON, Olga Moraes. (Org). *Experimentos com história de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1998. p.14-43.

RAQUEL, Rolnik. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras - Etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. In: *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, Cadernos Cândido Mendes, nº 17, set. 1989.

ROSA, Thaís Troncon. *Fronteiras em disputa na produção do espaço urbano: a trajetória do 'Gonzaga' de favela a bairro de periferia*. Dissertação (Mestrado) - IFCH, Unicamp, Campinas, 2008.

SANTOS, Renato Emerson. Sobre espacialidade das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano. In: *Questões Urbanas e Racismo*. Petrópolis: DP et Alii, 2012. Documentário:

DUARTE, Neide; POSILI, Maria Cristina. *São Paulo: Memória em Pedacos - Bairro do Bixiga*. São Paulo, 1997. Vídeo (VHS), 30 min., cor.